
ENTRE A RUPTURA E A CONTINUIDADE DO MOVIMENTO CRÍTICO: A EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA NA DÉCADA DE 1990

Between the break and continuity of
critical movement: physical education in
brazilian decade of 1990

Diego Luz Moura¹
Antonio Jorge Gonçalves Soares²

¹Universidade Gama Filho

²Universidade Federal do
Rio de Janeiro

MOURA, Diego Luz e SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Entre a ruptura e a continuidade do movimento crítico: a educação física brasileira na década de 1990. *SALUSVITA*, Bauru, v. 32, n. 1, p. 47-61, 2013.

RESUMO

Introdução: O debate da educação física brasileira na década de 1980 foi liderado pelo movimento crítico. Todavia, a década de 1990 foi marcada por discussões que promoviam a continuidade ou buscavam ruptura de tais referenciais. **Objetivo:** Neste artigo, analisamos a produção da década de 1990 que se amparou no termo cultura para promover uma nova forma de intervir na escola. **Método:** foi realizada uma seleção e análise de literatura pertinente ao tema considerando-se quatro periódicos representativos dos principais veículo de produção da Educação Física escolar na década de 1990 em um corte compreendendo a produção a partir do ano do lançamento do livro “Metodologia de ensino da Educação Física” (1992)

Recebido em: 31/12/2012

Aceito em: 22/02/2013

ou o ano da primeira edição dos periódicos até o ano de 2004. Fizeram parte do *corpus* de análise apenas os artigos originais.

Resultados e Conclusão: Indicamos ao final que esta produção realizou uma mediação dos argumentos pró e contra o movimento crítico. Ressaltamos que esta produção deve ser valorizada mais por sua reivindicação de uma nova identidade para área do que pelo ineditismo de suas propostas.

Palavras chaves: Educação física. Identidade. Movimento crítico.

ABSTRACT

Introduction: *the discussion of physical education in brazil in the 1980s was led by critical movement. however, the 1990s was marked by discussions that promoted the continuity or the break the of such references.* **Objective:** *in this article, we analyze the production of the 1990s that was based on the term culture to promote a new way to intervene in school.* **Methods:** *was made a selection and analysis of literature concerning the matter considering four periodicals representing the main production on Physical Education in the 1990s in a time span including production from the year of the launch of the book “Methodology of Teaching Education physics “(1992) or the year of the first edition of the journals by the year 2004. Were part of the corpus of analysis only original articles.* **Results and conclusion:** *we note that the final production held a mediation of the arguments for and against the critical movement. we note that this production should be valued more for its claim of a new identity for the area that the originality of their proposals.*

Key words: *Physical education. Identity. Critical movement.*

INTRODUÇÃO

A Educação Física escolar é uma área de intenso debate sobre as concepções ou tendências pedagógicas. Não é nenhuma novidade o fato de alguns intelectuais da Educação Física se apropriarem dos discursos e das querelas de outros campos científicos, para fomentar debates, com o intuito de criar ou legitimar “novas propostas” de intervenção. Todo esse afã de novas propostas para a Educação Física escolar ganhou visibilidade a partir do final da década de 1970. Este período foi marcado por uma profusão de propostas que tinham como objetivo romper com a nomeada Educação Física tradicional,

MOURA, Diego Luz e SOARES, Antonio Jorge Gonçalves.

Entre a ruptura e a continuidade do movimento crítico: a educação física brasileira na década de 1990. *SALUSVITA*, Bauru, v. 32, n. 1, p. 47-61, 2013.

MOURA, Diego Luz
e SOARES, Antonio
Jorge Gonçalves.
Entre a ruptura e
a continuidade do
movimento crítico:
a educação física
brasileira na década
de 1990. *SALUSVITA*,
Bauru, v. 32, n. 1, p.
47-61, 2013.

que era identificada como uma intervenção que ensinasse o esporte como um fim em si mesmo.

Uma das maiores influências no debate da área se refere basicamente ao movimento que se iniciou no final da década de 1970 e início de 1980. Este movimento incorporou os elementos das teorias críticas da educação. Os seguidores desta perspectiva procuravam questionar a neutralidade da educação no processo histórico, social, político e econômico. Por vezes, denunciavam o esporte como ópio do povo e instrumento a serviço da ideologia da classe dominante. Essas teorias costumavam operar análises autodenominadas progressistas, em muitas vezes apoiadas no marxismo¹ para explicar finalidades sociopolíticas da educação (CAPARROZ, 1997).

O debate se caracterizou pela luta de afirmar propostas que deveriam (re)orientar a direção da Educação Física na escola. O curioso é que estes debates se estruturam, em geral, numa perspectiva de identificar lacunas nos diferentes modelos pedagógicos da Educação Física do passado e presente, no sentido de apresentar o “modelo ideal” (revolucionário, emancipador, crítico e criativo) que atenderia as demandas do presente para formar o cidadão revolucionário que buscaria a justiça, igualdade e democracia. Este período foi marcado pelas “descobertas” da função dita alienante na Educação Física escolar. Alguns intelectuais da Educação Física deste período chegaram a afirmar que estas propostas representavam um salto qualitativo de um movimento renovador. Entretanto, as análises ficaram presas meramente aos condicionantes políticos, econômicos e sociais (CAPARROZ, 1997).

Ao longo deste período, tais concepções receberam diferentes nomenclaturas, no intuito de demarcar uma identidade que se afastasse das ditas concepções tradicionais, conservadoras ou acrílicas da Educação Física. Na busca de demarcação da identidade, dos ditos modelos pedagógicos críticos da Educação Física, o “outro” escolhido foi toda a tradição, desde os higienistas do movimento ginástico do séc. XIX até os “tecnicistas” do esporte nos anos de 1970. Contudo, este movimento de crucificação ao esporte, que engloba as críticas ao militarismo e higienismo, ocorreu apenas em mão única, pois, na empolgação da militância, os autores ignoraram o fato de que estes movimentos contribuíram para a Educação Física se estruturar e consolidar enquanto disciplina escolar. Uma espécie de *acerto de contas com o passado* (CAPARROZ, 1997).

A década de 1990 se caracterizou como uma continuidade do de-

1 De acordo com Lovisoló (1995), os críticos da Educação Física se apoiaram em um marxismo de segunda mão com leituras fragmentadas.

bate crítico, mas, também, inaugurou um novo impulso no debate da produção da Educação Física brasileira. Um movimento que carregava o rótulo de “cultura” ganhou visibilidade neste contexto utilizando algumas variações como cultura física, cultura de movimento, cultura corporal. Embora a proposta de sistematização da cultura corporal já pudesse ser vista anteriormente em Castellani Filho, no ano de 1988 (ALMEIDA, 1997), foi com um grupo de professores autodenominado Coletivo de Autores² (1992) que o conceito de cultura corporal foi divulgado. Este movimento foi chamado de perspectiva cultural (MOURA, 2012; MOURA; SOARES, 2012).

Em análise anterior³, analisamos o debate da perspectiva cultural e verificamos que esta, se encontra dispersa em três matrizes teóricas distintas: a crítica⁴, antropológica⁵ e a da mediação. Estas matrizes embora surjam a partir de um mesmo panorama possuem características e influências teóricas diferentes.

Neste artigo, nosso objetivo é analisar a produção da perspectiva cultural da mediação, apontando como esta se caracterizou como uma das primeiras manifestações de crítica ao movimento crítico.

METODOLOGIA

Realizamos um levantamento da literatura, com o intuito de identificar a ocorrência e analisar a produção da perspectiva cultural nos periódicos da Educação Física. Selecionamos quatro periódicos para análise: Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Revista Motus Corporis, Revista Movimento e Revista Paulista de Educação Física. Escolhemos estes periódicos por representarem os principais veículo de produção da Educação Física escolar na década de 1990.

Escolhemos o corte temporal da produção a partir do ano do lançamento do livro “Metodologia de ensino da Educação Física” (1992) ou o ano da primeira edição do periódico até o ano de 2004. Fizeram parte do *corpus* de análise apenas os artigos originais.

O processo de seleção dos artigos seguiu três fases: a) leitura dos resumos de todas as obras com o objetivo de identificar os artigos ligados a temática da Educação Física escolar; b) leitura na íntegra dos

MOURA, Diego Luz e SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Entre a ruptura e a continuidade do movimento crítico: a educação física brasileira na década de 1990. *SALUSVITA*, Bauru, v. 32, n. 1, p. 47-61, 2013.

2 Fazem parte do Coletivo de Autores os seguintes professores: Valter Bracht, Celi Taffarel, Castellani Filho, Micheli Escobar, Carmem Soares e Elisabeth Varjal.

3 Ver Moura (2009).

4 Ver Moura e Soares (2012).

5 Ver Moura e Lovisolo (2008).

MOURA, Diego Luz e SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Entre a ruptura e a continuidade do movimento crítico: a educação física brasileira na década de 1990. *SALUSVITA*, Bauru, v. 32, n. 1, p. 47-61, 2013.

artigos da temática Educação Física escolar vinculados à perspectiva cultural e; c) análise dos artigos na perspectiva cultural.

A partir da leitura dos resumos, verificamos um total de 167 artigos sobre Educação Física escolar no período estudado. Ao realizar a leitura destes artigos na íntegra, percebemos a necessidade de executar uma categorização, para dimensionar, com maior exatidão, a proporcionalidade da perspectiva cultural no debate pedagógico. Encontramos 20 artigos na perspectiva cultural na produção sobre Educação Física escolar, sendo 9 destes representantes da perspectiva cultural da mediação.

RESULTADOS

Analisamos um total de nove artigos e classificamos as seguintes categorias: a) crítica ao movimento crítico; b) as propostas para a Educação Física e; c) a intelectualização da Educação Física.

a) Crítica ao movimento crítico

As pesquisas analisadas realizam uma série de críticas ao movimento crítico da Educação Física. Questionam a validade das análises e apropriações dos referenciais críticos de inspiração marxista no debate da Educação Física. De modo geral, os artigos analisados afirmam que o movimento crítico da Educação Física, no impulso de disseminar os ideais marxistas, desconsideraram a necessidade de evidências empíricas. As denúncias eram disparadas sem apoio de dados, o que permitiu muitas generalizações nos argumentos. Segundo os autores, os críticos da Educação Física perderam de vista a especificidade da área, ao direcionar o foco da argumentação para a luta contra o sistema capitalista, como o centro das preocupações da Educação Física. As estratégias de intervenção eram vinculadas à luta e à divulgação dos ideais críticos de mundo e sociedade. Não se discutiam sobre o fenômeno “aula de Educação Física”.

Betti (1996) destaca, na argumentação, que o movimento crítico teria produzido uma série de entraves sobre a maneira de pensar e fazer a Educação Física na escola. A partir desse pressuposto, aponta que os novos movimentos teóricos que vieram na década de 1990 superaram os idealismos e ingenuidades do movimento crítico da Educação Física. Os idealismos e ingenuidades descritos seriam a possibilidade da transformação da sociedade a partir das aulas da Educação Física. Betti concluiu que a aproximação da Educação

Física com a antropologia seria uma contribuição para a superação destes dualismos. Embora o autor não explique como a antropologia ajudaria a Educação Física, podemos perceber o esforço de Betti em dar visibilidade a uma Educação Física que seja desvinculada do engajamento político radical.

Neste grupo de autores, também, encontra-se um artigo de Carmem Soares, que foi uma das coautoras do Coletivo de Autores. Este livro, por sua vez, é reconhecido como uma das principais obras do movimento crítico. Entretanto, Soares, neste artigo, cerca de quatro anos após a publicação do Coletivo de Autores, apresenta alguns apontamentos com um foco menor na denúncia. Podemos entender, por um lado, o esforço de Soares (1996) como uma autocrítica dos argumentos e ideias do movimento crítico. Soares afirma que a produção crítica da Educação Física negou a especificidade da Educação Física ao identificar, no esporte e na ginástica, instrumentos de alienação e conformação e reforço da classe dominante. Podemos perceber que Soares não está desqualificando o movimento crítico, mas indicando a necessidade de se voltar às questões estritamente pedagógicas que foram esquecidas ou deixadas em segundo plano. Por último, Soares (1996) afirma que é preciso compreender a predominância dos jogos esportivos nas aulas de Educação Física como um fator que merece ser entendido, antes de ser crucificado. O fenômeno esportivo foi, por diversas vezes, negado pelo movimento crítico por ser considerado um instrumento de fortalecimento do sistema capitalista na sociedade brasileira. Esta preocupação de Soares (1996) revela indícios do surgimento de novas preocupações no campo da Educação Física e de uma mediação com o movimento crítico.

Vago (1996) contra-argumenta⁶ a crítica mecânica de uma relação de causa-efeito entre o esporte e o fortalecimento do sistema capitalista. Critica o olhar reducionista sobre a apropriação do esporte na escola. Segundo o autor, o esporte praticado na escola não é exatamente uma reprodução do esporte de alto rendimento, como o movimento crítico pregava, mas uma apropriação dos atores sociais a partir de suas experiências e da estrutura física da escola. De acordo com Vago (1996), existe uma tendência, no discurso crítico, de realizar uma negação radical da utilização do esporte na escola, sem esforços de entendimento sobre este fenômeno. Segundo Vago, este tipo de análise inviabiliza o entendimento do esporte na escola. De acordo com o autor, os críticos da Educação Física não procuraram entender o fenômeno esportivo e as diversas possibilidades de

MOURA, Diego Luz e SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Entre a ruptura e a continuidade do movimento crítico: a educação física brasileira na década de 1990. *SALUSVITA*, Bauru, v. 32, n. 1, p. 47-61, 2013.

6 Nesse artigo, Vago se remete explicitamente à produção de Bracht.

MOURA, Diego Luz
e SOARES, Antonio
Jorge Gonçalves.
Entre a ruptura e
a continuidade do
movimento crítico:
a educação física
brasileira na década
de 1990. *SALUSVITA*,
Bauru, v. 32, n. 1, p.
47-61, 2013.

manifestações e apropriações, e o mais grave, os críticos excluíram a potencialidade da intervenção do professor.

A produção analisada realiza uma mediação do debate crítico da Educação Física. Reconhece, no movimento crítico, um legado que, por um lado, possibilitou novos entendimentos sobre o movimento humano, mas, por outro lado, distorceu a especificidade da área. Os autores da mediação ressaltam a necessidade de compreensão do fenômeno esporte, pois a negação radical do esporte pouco contribui para se pensar a intervenção em Educação Física.

b) As propostas para a Educação Física

O movimento crítico da Educação Física, na década de 1980, se caracterizou como um movimento de críticas e denúncias à escola, ao professor, Educação Física e à sociedade. O argumento central era de que o ensino de Educação Física possuía características de dominação, opressão e valores que fortaleciam o sistema capitalista. Entretanto, em um determinado momento, as críticas se tornaram repetitivas e sem renovação. É neste período que surgem uma série de novas concepções, tendências e abordagens para fornecer parâmetros norteadores da intervenção da Educação Física na escola (DARIDO, 2003).

Nos artigos analisados, encontramos algumas novas abordagens de reorientação da prática dos professores de Educação Física na escola. Estamos denominando de abordagens as propostas que são construídas a partir da indicação de uma ou mais matrizes teóricas. Os autores destas abordagens ressaltam o fato de não estarem ligados ao movimento crítico ou qualquer outra tendência com viés sóciopolítico.

Betti (1992; 1994) e Abid (1999) apontam que as propostas teorizadas, até aquele momento, no campo da Educação Física, não proporcionam uma “intervenção completa”. Os autores afirmam que estas suas abordagens superariam a visão, o entendimento e a intervenção da Educação Física na escola. Porém, eles fornecem poucos elementos ligados sobre as estratégias de intervenção. A principal contribuição dos autores é apresentar a possibilidade de realizar uma intervenção progressista sem estar atrelado às inspirações marxistas. O debate se volta para as questões técnicas da didática.

Betti (1992) e Ferraz (1996) afirmam que a Educação Física não consegue explicitar claramente seus objetivos e, por muitas vezes, é entendida como uma disciplina acessória ou opcional, enquanto as demais disciplinas escolares possuem seus objetivos razoavelmente

delineados. Betti (1992) afirma que existem duas polaridades que descrevem o panorama da produção e do debate teórico da área: a educação do movimento e a educação pelo movimento. De acordo com Betti estas duas abordagens possuem vantagens e desvantagens, mas conclui que nem a educação do movimento e a pelo movimento possibilitam um entendimento amplo da Educação Física escolar.

Voltando às duas novas abordagens. Primeiramente, Betti se utilizando das reflexões de Demel, constrói o que denomina de Educação Física sistêmica (1992; 1994). De acordo com Betti, na Educação Física sistêmica é necessário:

Orientar os objetivos da educação física não diretamente para o corpo, mas indiretamente para ação sobre a personalidade do aluno, dirigindo-o para metas específicas, ou seja, o “funcionamento” do corpo dentro da esfera da cultura corporal de movimento (BETTI, 1994, p.14).

Na Educação Física sistêmica, há um esforço para inserir o aluno na cultura corporal de movimento. Nas palavras de Betti “integrar o aluno à cultura corporal do movimento significa, **como já insistimos**, na integração da personalidade” (ibid, p.19 grifo nosso). Na concepção de Betti, a personalidade pode ser pensada como um sistema.

Betti, ao explicar sobre este acesso à cultura corporal de movimento, afirma que é um princípio entendido como um “processo contínuo de integração do aluno a esta esfera da cultura (integração de sua personalidade), que deve ser formado para usufruir das formas culturais das atividades corporais (jogo, dança, ginástica, esporte), para produzi-las, reproduzi-las e transformá-las” (ibid p.18). Sobre a integração dos mecanismos da personalidade via cultura, na abordagem sistêmica, Betti (1992, p.286) ressalta que:

Não basta aprender as habilidades motoras específicas do basquetebol; é preciso apreender a organizar-se socialmente para jogar, compreender as regras como um elemento que torna o jogo possível [...] que o aluno seja preparado para incorporar o basquetebol e a corrida na sua vida, para deles tirar o melhor proveito possível.

O argumento de Betti revela, ainda que parcialmente, alguns pontos da abordagem sistêmica. Sobre a funcionalidade da Educação Física, Betti afirma que “a Educação Física teria então a finalidade de formar o cidadão que vai usufruir, produzir e reproduzir as formas culturais das atividades corporais do movimento” (BETTI, 1994 p.14). No mesmo sentido, Ferraz (1996) identifica como principal

MOURA, Diego Luz e SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Entre a ruptura e a continuidade do movimento crítico: a educação física brasileira na década de 1990. *SALUSVITA*, Bauru, v. 32, n. 1, p. 47-61, 2013.

MOURA, Diego Luz
e SOARES, Antonio
Jorge Gonçalves.
Entre a ruptura e
a continuidade do
movimento crítico:
a educação física
brasileira na década
de 1990. *SALUSVITA*,
Bauru, v. 32, n. 1, p.
47-61, 2013.

função da Educação Física a difusão de conhecimentos para garantir a autonomia do indivíduo em gerenciar sua própria atividade física no futuro. Através da leitura dos artigos de Betti, podemos organizar a Educação Física sistêmica nos seguintes objetivos: a) aprender as habilidades motoras; b) aprender a se organizar em grupo; c) apreender as atividades na construção de um estilo de vida ativo.

Abid (1999) é outro autor que apresenta uma nova abordagem para a Educação Física. A abordagem de Abid (1999) prevê uma síntese entre duas propostas da Educação Física: a crítico-superadora, do Coletivo de Autores (1992) e a Educação Física plural de Daolio (1994).

Abid, apresenta a seguinte justificativa sobre a importância da sua abordagem:

Essas duas abordagens, isoladamente, não dão conta de interpretar o fenômeno do ser humano em movimento – objeto de estudo da educação física – em toda sua abrangência e complexidade. Por essa razão, a nossa proposta busca uma síntese dessas duas abordagens, por entender que elas são válidas justamente, na medida em que se completam. (p. 29)

Na opinião de Abid, a proposta crítico-superadora e a plural são duas propostas válidas justamente porque entende que é possível uma “junção” entre elas. Ao realizar esta afirmação, Abid insere sua análise ou síntese como mais verdadeira e as outras propostas como inválidas, à medida que apenas uma junção entre elas garantiria sua validade. O argumento de Abid não agrega qualquer evidência, apenas acusa e nega as propostas inserindo unicamente sua análise como válida. Abid reconhece a importância do modelo crítico e ressalta que as duas abordagens representam “um grande avanço”, embora aponte que estas duas abordagens não possibilitem interpretar o “fenômeno do ser humano em movimento”. É através da conciliação dos debates do campo da Educação Física que Abid constrói sua abordagem.

Abid (1999) realiza uma crítica à obra do Coletivo de Autores. Segundo o autor, tal obra apenas procurou inferir análises de cunho político e não deu conta de interpretar o ser humano em sua individualidade e subjetividade. De fato, a formação da individualidade e subjetividade é um componente de qualquer proposta educacional. A questão é se a interpretação da individualidade e subjetividade do ser humano seria o objeto de estudo específico da Educação Física?

Desta forma, o autor aponta que sua abordagem, fruto da síntese entre a proposta do Coletivo de Autores e da produção de Daolio, buscaria uma melhor intervenção social:

Por essa razão, a proposta pedagógica que ora defendemos, pres-supõe a síntese dessas duas concepções analisadas – a educação física crítico-superadora e a educação física plural – como uma nova proposta em busca de superação dessas duas importantes abordagens teóricas da área, pois entendemos que o tempo em que vivemos, exige uma visão mais ampliada de nossa realidade. Uma visão que possa ser abrangente o suficiente para interpretar o fenômeno do ser humano em movimento, tanto sob o ponto de vista de suas particularidades, como também a partir de sua contextualização nessa sociedade em que vivemos (ABID, 1999, p.33).

O argumento do autor para justificar a síntese entre as duas propostas necessita de maiores esclarecimentos. Ele parte de propostas que possuem matrizes teóricas distintas, sem qualquer tipo de ressalva ou delimitação, com base em hipóteses nas quais concepções, isoladamente, não dão conta, mas não aponta que características seriam estas. Termina afirmando que esta “nova proposta” resultaria em uma superação destas duas abordagens, contudo não descreve os argumentos que permitam ao leitor perceber em que aspectos sua teoria auxiliaria à intervenção em Educação Física. Não se invalida simplesmente uma proposta em detrimento de outras. Abid deveria “colocar na prática” sua abordagem e apresentar em que medida esta possui avanços.

Podemos perceber que as “novas teorias” de Betti (1992;1994) e Abid (1999) recaem numa espécie de prescrição de um “dever ser”, a partir da construção de modelos teóricos prescritivos. Os autores não apresentam dados empíricos sobre a aplicação destas “teorias” em escolas. Entretanto deve-se observar que Abid e Betti, ao formular suas propostas, não descartam as influências anteriores, ao contrário, levam em consideração e reconhecem as contribuições do movimento crítico. Portanto, a construção destas novas abordagens exemplifica novamente a mediação que estes autores procuram argumentar dentro do campo acadêmico da Educação Física.

Se, por um lado, Betti e Abid “criam” novas abordagens para a Educação Física, por outro lado, Soares (1996), Oliveira e Devede (2001) e Silva (1996) apontam propostas com base na utilização dos conteúdos clássicos da Educação Física. Na argumentação destes autores, os conteúdos clássicos são identificados como uma forma de elo com a proposta da cultura corporal, formulada pelo Coletivo de Autores.

As propostas de intervenção para as aulas de Educação Física formuladas pelas pesquisas analisadas se resumem, de modo geral,

MOURA, Diego Luz e SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Entre a ruptura e a continuidade do movimento crítico: a educação física brasileira na década de 1990. *SALUSVITA*, Bauru, v. 32, n. 1, p. 47-61, 2013.

MOURA, Diego Luz
e SOARES, Antonio
Jorge Gonçalves.
Entre a ruptura e
a continuidade do
movimento crítico:
a educação física
brasileira na década
de 1990. *SALUSVITA*,
Bauru, v. 32, n. 1, p.
47-61, 2013.

na utilização dos conteúdos clássicos da Educação Física: ginástica, jogo, esporte, luta e dança.

Oliveira e Devide (2001) apresentam um relato de experiência com base na perspectiva da cultura corporal. Segundo os autores, “corroboramos a proposta de conteúdos do Coletivo de autores (1992), a de que os jogos, as brincadeiras, a dança, os esportes, as ginásticas e as lutas são constituintes da cultura corporal de movimento” (p.84). Os autores delimitam o objeto da Educação Física nos conteúdos clássicos da Educação Física. Nesta mesma perspectiva, Soares (1996) indica que a especificidade da Educação Física está nas ginásticas, lutas, danças e jogos. Afirma que estes conteúdos necessitam “valer-se, criativamente, de metodologias que encerrem valores mais solidários, que apontem para uma saudável relação entre indivíduos e sociedade e vice-versa” (p.10). Silva (1996) aponta que o conhecimento pedagógico da Educação Física avançou à medida que a área reconheceu que “o conteúdo deste ensino vai além da mera execução da ginástica e dos esportes, assumindo as dimensões amplas de uma cultura corporal” (p.32). Entretanto, afirmou que os professores de Educação Física conhecem pouco, os elementos da cultura corporal.

Na argumentação destes autores, o termo cultura, além de atuar como um marcador identitário, é identificado, também, como a resposta aos dilemas da funcionalidade e legitimidade da Educação Física na escola. Segundo Ayoub (2001, p.57) “não podemos negar que a especificidade da Educação Física localiza-se, justamente no âmbito da cultura corporal”. Betti (1992, p. 285) utiliza o conceito de cultura como uma espécie de finalidade da Educação Física: “Educação Física para quê? [...] É aí que o conceito de cultura física começa a apontar seu caminho.” De alguma forma, parece que o termo cultura é utilizado para dar resposta ao debate da funcionalidade e especificidade da Educação Física. Entretanto, o termo cultura não atua como um conceito teórico para analisar o fenômeno “aula de Educação Física”. Os autores colocam peso na argumentação para reivindicar que o objeto da Educação Física são as modalidades da cultura corporal (ginástica, jogo, esporte, luta e dança). De um lado, esta reivindicação pode parecer não expressar qualquer tipo de renovação ou inovação para a Educação Física, mas, por outro lado, reafirmar que os autores procuram destacar que a intervenção deve se pautar em valores “solidários”, “além da mera execução da ginástica” e “valer-se criativamente” entre outros. Os autores, embora se apropriem da expressão cultura corporal, que surgiu com o movimento crítico, a partir da obra do Coletivo de Autores (1992), utilizam o termo com outras questões acreditando que o conceito de cultura possa apontar um novo caminho para a Educação Física.

c) A intelectualização da Educação Física

Uma característica desta produção é a tendência de argumentar a favor de uma intelectualização das aulas de Educação Física. Os autores buscam indicar a importância da valorização dos aspectos cognitivos e as habilidades de análise, leitura e pesquisa, entre outras.

Na esteira deste esforço, as propostas de aulas teóricas e a inserção de novos conteúdos ganham destaque. Na opinião dos autores, é “[...] necessário que os conteúdos abordados nas aulas de Educação Física desconstruam a crença da aula essencialmente prática” (p. 83).

Silva (1996) sugere outros conhecimentos que poderiam ser trabalhados nas aulas de Educação Física:

Aquisição de conhecimentos básicos de anatomia e fisiologia humanas, noções de biomecânica, bem como aspectos básicos do desenvolvimento das variáveis de aptidão física que os capacite à prática de atividades físicas de forma eficaz e segura (p.31).

Oliveira e Devidé (2001) também apresentam outras temáticas para a intervenção: promoção de saúde, história do esporte, aspecto técnico, competição, lazer e tempo livre, influência da mídia, corpo em movimento e coeducação.

Oliveira e Devidé (2001) ofereceram o exemplo do seminário sobre a unidade capoeira que ocorreu em uma escola onde um dos autores trabalhava.

A capoeira, ministrada por nós no 3º e 4º ciclos do ensino fundamental, teve por objetivo resgatar esta prática como um dos conteúdos da educação física na escola; **desencadear a reflexão** dos alunos sobre a importância cultural da capoeira como expressão da cultura popular brasileira, debater os seus aspectos históricos e suas implicações na busca de liberdade dos escravos; e **problematizar as questões** relacionadas aos preconceitos sobre a capoeira e os seus praticantes. (ibid. p.83 grifo nosso).

Toda a argumentação da intelectualização, de maneira direta e indireta, está relacionada com a tentativa de redefinição do papel do professor de Educação Física. É um movimento que procura (re) definir o papel de professor de Educação Física, de um mero instrutor de gestos esportivos para um intelectual que tenha competência de analisar a conjuntura política e cultural do corpo e do esporte, para transformar essa competência em pedagogia. O professor deve ser produtor e/ou um consumidor cultural de alto-nível a respeito das condições objetivas do magistério no Brasil. A intelectualização

MOURA, Diego Luz e SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Entre a ruptura e a continuidade do movimento crítico: a educação física brasileira na década de 1990. *SALUSVITA*, Bauru, v. 32, n. 1, p. 47-61, 2013.

MOURA, Diego Luz
e SOARES, Antonio
Jorge Gonçalves.
Entre a ruptura e
a continuidade do
movimento crítico:
a educação física
brasileira na década
de 1990. *SALUSVITA*,
Bauru, v. 32, n. 1, p.
47-61, 2013.

combate conceitualmente a Educação Física tradicional. Na perspectiva da intelectualização, a intervenção em Educação Física deve ser contextualizada com a realidade dos alunos. E o papel do professor não pode ser apenas o de instrutor de atividades, mas fundamentalmente o de educador capaz de diagnosticar e analisar os problemas da intervenção em relação ao grupo de alunos que está atuando e dos problemas e paradoxos da educação como um todo.

Na perspectiva dos artigos analisados, o professor de Educação Física deve possuir novas competências e habilidades. Segundo os autores, o professor de Educação Física deve ser capaz de atuar com outros elementos da manifestação corporal como a ginástica, a luta e a dança. A ratificação da inclusão destes elementos está relacionada a crítica à Educação Física tradicional, onde somente os conteúdos esportivos eram utilizados. Outra competência que os autores apontam é a capacidade de propor reflexões sobre as diferentes relações da Educação Física com a sociedade. Em resumo, a intelectualização é também uma forma de mediação em busca de uma nova Educação Física.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar a produção da perspectiva cultural da mediação é possível identificar uma parte da produção da Educação Física brasileira da década de 1990. Esta produção atua de forma a reconhecer e valorizar o movimento crítico da Educação Física, apontando suas lacunas e fornecendo um discurso que busque avanços, mas sem um tom de denúncia.

Os artigos constroem suas propostas a partir de um diálogo com os críticos, mas procurando destacar a especificidade da Educação Física, que teria sido perdida em função das críticas e denúncias dos críticos. Entretanto, ao analisar as propostas podemos verificar que o conceito de cultura não é utilizado para explicar os fenômenos e dilemas da intervenção nas escolas. O conceito de cultura é acionado apenas como um marcador identitário para se distinguir do movimento crítico.

Esta produção procura (re)definir o papel de professor de Educação Física, de um mero instrutor de gestos esportivos para um intelectual que tenha competência de analisar a conjuntura política e cultural do corpo e do esporte, para transformar essa competência em pedagogia.

Portanto, esta produção deve ser valorizada não pelo ineditismo de suas contribuições. Mas, por sua forma eficaz de contra crítica ao

movimento crítico e na busca de reivindicação de novos valores e funcionalidades para a Educação Física na escola.

REFERÊNCIA

ABID, P. R. J. Educação física escolar: uma proposta a partir da síntese entre duas abordagens. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 5 n 10, p. 29 a 34, 1999.

ALMEIDA, D. **Análise da proposta metodológica para a educação física escolar formulada por Coletivo de Autores**. 1997. 118 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)- Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, Universidade Gama Filho, 1997

AYOUB, E. Reflexões sobre a educação física na educação infantil. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, supl. 4, p. 53-60, 2001.

BETTI, M. Por uma teoria da prática. **Revista Motus corporis**, Rio de Janeiro, v.3, n.2, p.73-127, 1996.

_____. Valores e finalidades na educação física escolar: uma concepção sistêmica. **Revista Brasileira de ciências do esporte**, Campinas, v.16, n.1, p.14-21, 1994.

_____. Ensino de primeiro e segundo graus: educação física para quê? **Revista Brasileira de ciências do esporte**, Campinas, v.13, n.2, p.282-287, 1992.

CAPARROZ, F. E. **Entre a educação física na escola e a educação física da escola**. Campinas: Autores associados, 1997.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia de ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

DAOLIO, J. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papyrus, 1995.

DARIDO, S. C. **Educação física na escola: questões e reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

FERRAZ, O. L. Educação física escolar: conhecimento e especificidade – a questão da pré-escola. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, Supl. 2, p.16-22, 1996.

LOVISOLO, H. **A arte da mediação**. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

MOURA, D. L.; SOARES, A. J. G. Cultura, identidade crítica e intervenção em educação física escolar. **Pensar a prática**, 2012. **No prelo**.

MOURA, Diego Luz e SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Entre a ruptura e a continuidade do movimento crítico: a educação física brasileira na década de 1990. *SALUSVITA*, Bauru, v. 32, n. 1, p. 47-61, 2013.

- MOURA, Diego Luz e SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Entre a ruptura e a continuidade do movimento crítico: a educação física brasileira na década de 1990. *SALUSVITA*, Bauru, v. 32, n. 1, p. 47-61, 2013.
- MOURA, D. L.; LOVISOLO, H. R. Antropologia, cultura e Educação Física escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 29, n. 3, p. 137-153, 2008.
- MOURA, D. L. **Cultura e educação física escolar**: da teoria à prática. São Paulo: Phorte, 2012.
- _____. **Cultura e educação física**: uma análise etnográfica de duas propostas pedagógicas. 2009. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)–Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2009.
- OLIVEIRA, G. A. S; DEVIDE, F. P. Proposta temática para a educação física escolar no ensino fundamental: um relato de experiência. **Revista Motus Corporis**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 80-86, 2001.
- SILVA, S. A. P. S. Educação física no 1º grau: conhecimento e especificidade. **Revista Paulista de educação física**, São Paulo, Supl. 2, p.29-35, 1996.
- SOARES, C. L. Educação física escolar: conhecimento e especificidade. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, Supl. 2, p.6-12, 1996.
- VAGO, T. M. O “esporte na escola” e o “esporte da escola”: da negação radical para uma relação de tensão permanente - um diálogo com Valter Bracht. **Revista Movimento**, Porto Alegre, n.5, p.4-17,1996.